

# A AÇÃO CATÓLICA NAS AMÉRICAS: O ESTRATEGISMO ECLESIAÍSTICO<sup>1</sup>

Williams Bartolomeu Baracho de Lima<sup>2</sup>  
Faustino Teatino Cavalcante Neto (orientador)

## Introdução

No intuito de trazer a tona uma abordagem a respeito do cunho estrategista da Igreja Católica, retratamos tal tema fincado na História do Gerenciamento. Visualizando assim, esta instituição religiosa como uma máquina administrativa, tão forte, coerente e adaptável às mudanças de cunho político e social ocorrentes em meados do século XV ao XVII.

Pomos à margem (mas não ausente) deste pensamento, os paradigmas tradicionais e sua essência das narrativas de acontecimentos; enaltecendo sim, a análise pós-estruturalista. Visto que esta leitura foca a maleabilidade das partículas formadoras da História; sendo essa “mutação” sensível não somente ao tempo, quanto ao espaço.

Todo este recorte; ativo das reflexões<sup>3</sup> encontradas no livro: “A escrita da história: novas perspectivas” que tem Peter Burke como organizador dos textos formadores; deixa a parte o conceito provinciano de que a atuação da Igreja Católica nas Américas Espanhola e Portuguesa, no período colonial, apenas comportaram-se como um plano de fundo do Estado, ali sempre presente, e onde sua atuação foi passiva de uma receptividade da sociedade.

Dentre este aspecto, apresentamos de uma maneira vertiginosa algumas das ferramentas utilizadas e difundidas pela igreja católica, nas respectivas colônias, as quais visavam uma “manipulação” de consciência, métodos e meios. Tornando-a (a instituição) uma célula ativa e de certo modo, permitimo-nos dizer, astuta.

A administração desta célula, usava já em meados do séc. XVI, especificamente no recorte aqui debatido, estratégias de divulgação latentes, e de efeitos tocantes, não só na sociedade como na política e economia. Permitimo-nos um comparativo, obviamente guardadas distinções de datação e sua conjuntura, com o “marketing” atual. Que viabiliza a propagação de ideais através de imagens e discursos transmitidos à massa. Estando ai explicito as ferramentas de cunho estrategista da Igreja Católica. Utilizando-se não somente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Análises e Reflexões sobre a América Portuguesa”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande. E-Mail: <williamslima@globocom>.

<sup>3</sup> Ver BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

da necessidade do ser humano em acreditar em alguma coisa, e fazer de si o foco deste enredo, como despertando a fantasia destes “necessitados”.

Com essa prerrogativa da Igreja como uma Instituição de caráter não apenas religioso, mas administrativo e estratégico, do ponto de vista do Gerenciamento, trabalhamos também com mais um horizonte, dentro da “Nova História”, a História de “além-mar”<sup>4</sup>. Tão bem exposta por Henk Wesseling (em texto contido no livro já citado de Peter Burke), havendo aí uma reformulação da história colonial, explorando agora, também, a história cultural dos povos não-europeus. Além de formular toda uma dialética a respeito dos resultados de conflitos (choques) entre as culturas, refletindo diretamente na área social, política e econômica; não exaltando mais tais aspectos, em sua essência, a partir do Eurocentrismo; e prospectando uma pesquisa baseada, sobretudo, na inserção da multidisciplinaridade do recorte.

Tanto na América Espanhola, quanto na Portuguesa a instituição eclesiástica, encontrou tais conflitos, e soube, apesar de disseminar a tradição, reformular alguns conceitos, no intuito maior de angariar devotos nas colônias. E esses aspectos são de fundamental relevância para analisarmos a ação católica. Para sustentar tal abordagem, devemos salientar a propagação da fé católica por meios militares, assim como o entrelaçamento da evangelização com a exploração e a escravidão.

Desta forma pretendemos expor ao longo deste projeto acadêmico, uma gama de interesses e ferramentas, muitas vezes ocultas, usados pela Igreja Católica em busca de uma unificação da fé e da pregação de longevidade de seus preceitos.

## **O esboço rumo ao Novo Mundo: A América Espanhola em pauta**

Para que possamos explanar de maneira clara o enredo que circunda a atuação, suas conjecturas de firmação, dentre outros aspectos da Igreja Católica na América Espanhola, no recorte colonial, é de fundamental importância que nos reportemos a fatos e características decorridas já no final da Idade Média e posteriormente as descobertas além-mar.

Em um primeiro momento, temos a tomada de Granada não como uma conquista militar com um fundo religioso, todavia, apresenta-se aqui neste momento (culminando com o fim do domínio mulçumano em 1491), toda uma nova contextualização política e religiosa na Espanha.

Temos a afirmação do ideal de uma propagação da crença católica, utilizando-se de meios militares, o que põe a “Força Justa”, ou bruta como chamam outros, funcionando como mais uma ferramenta em prol da Igreja. E agora mais que nunca, iria, a partir do manuseio

---

<sup>4</sup> Estudo proposto por Henk Wesseling baseado, sobretudo, na inserção da multidisciplinaridade no recorte da Igreja Católica na América Hispânica e portuguesa . IN: BURKE, Peter. Idem.

enviesado deste instrumento, fortificar seus alicerces, que vinham sendo “rachados”, em busca de novos cristãos.

Outra característica que observamos, e de uma expressão bastante relevante, é que a Coroa Espanhola, formada por Fernando e Isabel, não só estava com respaldo positivo da população, como tinha na pauta de sua política o emergente Estado Moderno.

Este modelo político viria a dar uma nova formatação de toda estrutura social-político-econômica, assim como eclesiástica, no território Espanhol; e que posteriormente daria o “Norte” para a política de exploração e colonização na América Espanhola.

De maneira objetiva tinha como características primordiais: a Justificação Secular do Estado e, pelo menos, a fachada de uma uniformidade de crença. Aquela nada mais era que o controle, por parte do Governo, de todas as instancias sociais, incluindo-se aí as eclesiásticas. Dando a visão de uma união e/ou submissão do propósito religioso ao poder mundano.

A dialética de uma crença uniforme anda em convergência com o Estado Moderno; todavia, em contrapartida apresentava-se a não aceitação por parte deste mesmo sujeito, neste momento, de ter a Igreja Católica como Estandarte concreto e fiel de sua política.

No século XV, as coroas Ibéricas focaram no intuito da expansão de seus domínios além-mar, já que era necessário fortificar a economia e a hegemonia do Estado. A Espanha contou com a astúcia e determinação de Cristóvão Colombo, que buscou a todo o momento envolver a idéia de uma chegada ao oriente via ocidente, com o signo da santa trindade e a glorificação da Coroa Espanhola.

Após intensas divergências de interesses políticos, econômicos e religiosos, Colombo foi enfim autorizado a “zarpar” rumo a este novo caminho, e que viria a ser o “De Orbe Novo”<sup>5</sup>, segundo o jovem humanista Pedro Martyr d’Anghiera, ou o Novo Mundo.

Na primeira instancia desta empreitada da Coroa Espanhola, temos um caráter mais concreto de uma investida política e militar, ou seja, uma exploração. A partir dos ensaios abaixo é que temos um melhor embasamento para formularmos novos discursos ao longo deste trabalho.

“Em setenta dias cheguei às Índias e lá achei numerosas ilhas, das quais tomei posse, em nome de Suas Altezas, sem encontrar nenhuma oposição (...) Os Habitantes de todas as ilhas que vi vivem completamente nus, homens e mulheres. Não conhecem o ferro e não tem armas; são bem constituídos e de boa estatura, mas extraordinariamente temerosos (...) Em todas essas ilhas não constatei quase nenhuma diversidade nos costumes e na língua; e eles se compreendem, coisa singular, que, espero, incitará Suas Altezas a empreender sua conversão à fé cristã (...) Na Ilha Espanhola, a ouro em abundancia, os índios que trago podem testemunhá-lo (...) e também especiarias(...)Também escravos, que se poderá prender, entre os idólatras(...)”.

(COLOMBO, apud. MAHN-LOT, 1998; pg. 67-68.).

---

<sup>5</sup> Ver MAHN-LOT, Marianne. “Retrato Histórico de Cristóvão Colombo”, em O novo Mundo, 1992.Pg.. 70.

Toda esta análise descrita acima são recortes retirados de uma Epístola, cujo nome é: carta a Santangel<sup>6</sup>, e nos trás todo o horizonte ao qual remete esta primeira viagem. Desde como foram vistos os nativos, seu comportamento e sua organização, assim como os prospectos da próxima viagem e quais as novas conjecturas da mesma, firmada na epístola, dentre outros critérios, sob um foco fortíssimo de economia e posteriormente de cunho religioso.

Tendo exposto toda a base que antecede o recorte das estratégias da Igreja Católica na América Espanhola, partiremos agora para o enfoque primordial, pelo qual esta sendo elaborado esse trabalho; logo mergulhemos na segunda metade do século XV(1492-1496), em meio à segunda viagem de Cristóvão Colombo e o núcleo de mudanças dentro do propósito religioso.

### **Intervenções e Manobras: tudo em prol do “propósito Religioso”**

Não foi a partir deste momento específico (XV e XVI na América Espanhola) que surgiu a preocupação do Papado e de toda sua estrutura eclesiástica em intervir quanto às expedições de exploração e conquista; isso vinha a mais de meio século. Era necessário, principalmente neste recorte temporal, que a Igreja Católica como uma Instituição não ficasse à margem de todo esse processo emergente do Estado Moderno. Ainda que, dentro deste modelo, sua posição fosse subordinada.

Após os levantamentos feitos por Colombo na primeira viagem (Descrito na carta a Santangel), fazia-se necessário pedir a mais a alta autoridade espiritual da Fé Católica que outorgasse a posse legítima e plena deste território. O novo Papa, Alexandre VI Bórgia, cuja nacionalidade era espanhola, mantinha uma relação amistosa com Fernando e Isabel e não relutou em conceder tal legitimação.

Entretanto, a relação quanto à legitimação de direitos não era tão simples assim. *Bulas Papais* eram anteriormente, designadas as investidas de exploração ou colonização; tais como: as Romanus Pontifex do Papa Nicolau V (1455), Cum dudum Affligebant de Calisto III (1456) e a bula Inter Coetera (1493) e Eximiae Devotionis de Alexandre VI; estas bulas, dentre outras, buscavam canalizar os interesses dos Estados e da Igreja, é claro tendo como um plano de fundo a preocupação de uma Hermenêutica (no que se refere a interpretação); a visão do acontecimento a partir do outros; ou seja, a preocupação aparente dos problemas humanos e religiosos dos povos conquistados.

Esta estratégia trabalhada pelo Estado e formulada juntamente com a igreja, quanto à legitimação, buscava por parte da entidade religiosa cristã abrigo, da estrutura eclesiástica,

---

<sup>6</sup>Santangel, Luis de; Membro convertido de uma família de origem judia aragonesa, residido em Valença, o pai dele ficou rico graças a negócios diversos. Passou a trabalhar diretamente em 1478 para a Coroa e torna-se tabelião.

no Estado com o intuito, não somente, de angariar novos fiéis através da conversão dos povos conquistados, assim como pôr, sobre a responsabilidade da Coroa, a manutenção e proteção da Instituição Católica.

Logo toda a Política eclesiástica da Igreja Militante, ficou sob a “custódia” do Patronato Real. Qual mesmo, o alicerce formador e gerencial da Igreja Católica na Espanha ficava sob o controle do Estado.

“A coroa reservava-se o direito de indicar candidatos aos cargos eclesiásticos em todos os níveis e assumiu a obrigação de pagar salários e construir e dotar as catedrais, igrejas, os mosteiros e os hospitais com os dízimos cobrados sobre a produção agrícola e pecuária. A coroa reservava-se igualmente o direito de autorizar o envio de pessoal eclesiástico para as índias(...)”. (M. BARNADAS, 1998. Pg. 522).

É claro que mesmo diante deste controle e subordinação, a Igreja tivesse o direito de delegar um poder temporal, destinado também à questão religiosa. Sob tais circunstâncias, o objetivo religioso da Igreja Católica na América Espanhola estava bastante especificado, tal quais os meios de evangelização: “tratar os índios com amor afim de que se domesticuem” (Colombo.). Segundo Colombo, o primordial era “zelar cuidadosamente para que não se faça nenhum mal aos índios, que sejam respeitados e tranqüilizados... Suas Altezas preferem à salvação desses homens e sua conversão a todas as riquezas que poderíamos achar aqui”(Cristóvão Colombo apud. Mahn-Lot, 1992. Pg. 77)

Essa “domesticação” significava na verdade impor aos “índios”, ou nativos, a lealdade a Coroa Espanhola além de sua europeização, somando-se a esses critérios a inserção das tribos na ideologia de crença católica. Algumas vezes de maneira pacífica, mas ao não ser correspondido o Estado juntamente com a Igreja e o Poder Militar, uniram-se preconizando a violência em certos casos. Abaixo segue:

“Portanto, imploro-lhes e exijo, da melhor forma possível (...) (que) reconheçam a Igreja como senhora suprema do universo, e o Altíssimo Papa... em seu nome, e Sua Majestade e eu sem seu nome os receberemos (...) e deixaremos livres suas mulheres e filhos, sem servidão, de modo que com eles e consigo mesmos vocês poderão fazer o que desejarem... e nós não os forçaremos a se tornarem cristão. Mas se não o fizerem (...) coma ajuda de Deus, invadirei suas terras á força e farei guerra onde e como puder, e submetê-los-ei ao jugo e á obediência da Igreja e de Sua Majestade, e tomarei suas mulheres e seus filhos, tornando-os escravos (...) E declaro solenemente que a culpa pelas mortes e danos sofridos por essa ação será sua, e não de Sua Majestade, nem minha, nem dos cavalheiros que comigo vieram (...)”.<sup>7</sup> (SEED, 1999. Pg. 101-102)

Este recorte, retirado do Requerimento (Requerimiento), mostra de maneira nítida, toda essa esfera de interesses entre a Igreja e o Estado, e vai além, pois retrata de fato, como era repassado o resultado dessa rede de estratégias, aos nativos.

<sup>7</sup> SEED, Patrícia. **Cerimônias de posse na Conquista Européia do Novo Mundo (1492-1640)**.. Pg. 101-141.

Assim a Igreja é posta como uma Instituição ativa, apesar de subordinada, e com cunho fortemente político; já que do resultado desta empreitada dependia sua estabilidade. Como uma entidade política, também, deveria ser tratada como tal, ou seja, ao não cumprimento das ordens, ou objetivos, seria tratada de maneira correspondente.

### **O Outro Lado da “Cruz”**

Seguindo estes contextos, nos perguntamos: Por que uma Instituição do cacife da Igreja Católica corroborava a submeter-se ao Estado? A resposta logicamente não é tão simples, mas, façamos um apanhado objetivo (quanto a uma postura estruturalista) dos arranjos que culminaram com tais atitudes.

O engrandecimento não apenas da família, como da consolidação de seu caráter, preocupou muito os papas; já que ela (família) era um dos sustentáculos de toda a crença a cristã. Desta forma era preciso ficar atento para que os preceitos católicos não se perdessem meio a esse inchaço.

A nova política emergente do Estado Moderno, que não se inclinava mais para uma teocracia, nem muito menos um “agostinismo”; deixou receosa toda a Igreja Católica. E após 1517, somou-se a estes arranjos o crescimento e fortalecimento do protestantismo, que vinha a persuadir não só descrentes como cristãos e adeptos de outras religiões ou ceitas.

Além de que, o Papado não mais vinha cedendo tamanhas quantias, que fossem significativas à propagação da fé no Novo Mundo, nem tanto a manutenção do próprio Gerenciamento e estabelecimento Eclesiástico.

Diante de tal situação a Igreja Católica Espanhola, buscou de diferentes meios de manter toda sua estrutura cristã. Uma das válvulas de escape encontrada foi ceder diante o Patronato Real; apesar da perda de poder absoluto e ativo, no sentido de tomar decisões aleatoriamente ou baseadas em cunhos ideológicos particulares, continuou com prestígio e atuando em um segundo plano.

O clero ainda possuía voz nos processos do Estado, mas nem sempre ter voz é prerrogativa para ser ouvido. Todavia, era melhor esta troca sistemática de interesses entre Igreja e Governo, a ficar pairando meio a nova conjectura política.

Como uma Instituição a Igreja Católica Espanhola agiu como tal, cedeu quando foi necessário, em prol da manutenção não apenas de sua estrutura e Gerenciamento como da propagação de seus preceitos. Sob esta estratégia adotada pela Igreja Católica, encontramos pertinência em um texto contemporâneo que se remete àquele contexto, conforme segue:

“Evite ter uma forma definida, ao assumi-la, ao ter um plano visível você se expõe ao ataque. Em vez de assumir uma forma que seu inimigo possa agarrar, mantenha-se maleável e em movimento; Aceite o fato de que nada é certo e nenhuma lei é fixa. A melhor maneira de se proteger é ser tão fluido e amorfo como a água; não aposte na estabilidade ou na ordem permanente. Tudo muda.” (GREENER, Robert e Elffers, Joost. 2000. Pg. 445)

Essa maleabilidade fez com que a Igreja suportasse mais uma “turbulência”, contudo, apesar da mudança tentou fincar neste projeto a idéia da manutenção de uma tradição, obviamente adaptada aos novos paradigmas. Mas todo este esboço, ainda viria a sofrer novas modificações e envolver-se em novos conflitos.

Uma dessas novas tensões foi a respeito da encomienda, sistema pelo qual os índios eram espargidos entre os colonos, e estes exerceriam sobre aqueles um poder de “posse”, contudo ainda não eram vistos com escravos, ou não possuíam, oficialmente, tal nomenclatura.

O conflito deu-se pelo fato da exploração dos índios, e iria de encontro ao evangelho que “supostamente” deveria ser aplicado nas Américas, o que fez com que algumas ordens religiosas não aceitassem tal ato. Logo, toda desenvoltura do “ideal” católico (para algumas ordens eclesiásticas) estava sendo, com isto, posta em risco, em virtude dos emergentes interesses políticos, não mais apenas da Coroa, como também dos colonos.

As críticas a este sistema partiram de várias “ordens”, mas com o intuito maior de resguardar os índios e o intuito da evangelização. O frade dominicano Antonio de Montesinos em 1511, pronunciou-se: “Todos vocês encontram-se em estado de pecado mortal e vão viver e morrer nele, por causa da crueldade e da tirania que estão infligindo a essas vítimas inocentes.” (M. BARNADAS, 1998. Pg. 523.). Assim como, o Frei Bartolomé de Las Casas; encomendero, frade dominicano e pároco; que após algum tempo vivenciando estes conflitos arraigou-se de forma vertiginosa na defesa dos índios: “Não deveria ele (Cristóvão Colombo) colocar o amor ao próximo acima da preocupação com o lucro do Reis, e considerar a finalidade verdadeira da descoberta, que era a salvação de todos esses povos, em lugar de usar de força e violência, e atrair a ignomínia sobre o nome de Cristo?” (MAHN-LOT, 1992. Pg. 90).

E assim sucederam-se vários discursos, envolta desta célula que abrangia desde a questão da encomienda; o qual teve um fator determinante não apenas na expansão espanhola, como da sua consolidação na América, devido ao fator econômico; como também a questão do indígena, ou nativos. Apesar da tentativa do Estado de interceder entre os interesses divergentes.

## **A questão Indígena: Estratégia Diante da Complexidade.**

“Conquiste corações e mentes, a coerção provoca reações que acabam funcionando contra você. É preciso atrair as pessoas para que queiram vir até você. A pessoa seduzida torna-se um fiel peão. Seduzem-se os outros atuando individualmente em suas psicologias e pontos fracos. Amacie o resistente atuando em suas emoções, jogando com aquilo que ele goste muito ou teme. Ignore os corações e as mentes dos outros e eles o odiarão.” (GREENER, Robert e Elffers, Joost. 2000. Pg. 393).

A Igreja católica deparou-se, na América Espanhola, com sociedades complexas, sistemas ignotos aos padrões europeus, além de estruturas “religiosas”, ou de crenças, completamente enraizadas. Apesar de ter a “força justa” (militar) ao seu favor, diante de tal situação era necessário repensar a forma de atuação.

Uma coerção direta iria gerar um conflito ainda maior para com estas “sociedades” indígenas. Era necessário seduzir, ou mesmo induzir, assim como relata Robert Greene e Joost Elffers, na citação posta no primeiro parágrafo. E esta sim, nos traz a forma real de persuasão da qual utilizou-se a Igreja Católica, neste recorte.

Novas formulações são exigidas da Igreja na atuação no Novo Mundo. A espada repressora do exército, como ferramenta da expansão religiosa através do militarismo; apesar de alguns autores não concordarem diretamente; deveria estar como um escudo, e não uma arma ativa propriamente dita.

O escudo dependendo das circunstâncias do portador, pode sim se transformar, ou sendo mais específico na abordagem, ser utilizado como uma ferramenta ativa. O Requerimiento, em parte, mostra esta abordagem. Onde o mensageiro portava a força, mas ela estava em um segundo plano, pois era posto em palta, que o receptor da mensagem poderia não se tornar um cristão, contudo era necessário que reconhecessem “a Igreja como suprema do universo, e o Altíssimo Papa... em seu nome, e sua majestade em sua posição de senhor superior e Rei.” (SEED, 1999. Pg. 101-102).

Não queremos aqui abranger o discurso, para a questão de ser ou não de direito legítimo, quanto ao caráter Humano, da Igreja Católica e da Coroa Espanhola (apesar da legitimação dada pelo Papa) o domínio e a jurisdição daquela terra e de seu povo. Mas, explanar de que forma isso era passado as “sociedades” e qual a receptividade das mesmas perante a ação. Assim, as estratégias da Igreja em vários momentos formaram-se com vários “braços tentaculares”, ou seja, a tradição seria passada de maneira fluida. Porém, com que tipo de sociedade a Igreja estava lidando? Para que possamos entender melhor a atuação da Igreja, façamos algumas observações a respeito do caráter religioso destas comunidades, presentes na América espanhola.



## A “Religião” das Comunidades na América espanhola

Para iniciar esta breve abordagem, faço minhas as palavras de Frank da Costa, que apesar de ocorrer um contentamento para com as fontes de religião destas civilizações, “Pouco sabemos sobre a vida religiosa das comunidades dessa época (América Pré-colombiana), e temos de recorrer, com precauções, aos dados etnográficos relativos às sociedades análogas mais tardias.” (GIORDANI, 1989. Pg. 111). Sendo assim, tomemos como cunho desta explanação, característica objetiva e coesa destas comunidades.

Apesar de Colombo indagar que não havia observado idolatria ente os índios, a visão real da situação é oposta, não so na descoberta como também na colonização. Estas sociedades estejam elas no período mais arcaico ou mais prospero, possuíam características peculiares.

Dentre as peculiaridades temos: Representações materiais dos deuses, tendências para o henoteísmo, culto dos demônios e espíritos da natureza, hábitos funerários, xamã, dentre outras particularidades. É válido ressaltar que existiam comunidades que mesmo nômades, tinham seus próprios rituais.

Desde os índios buhuitihu, que habitavam a ilha espanhola, quais mesmo são descritos na pesquisa de Raimundo Pané (publicada por Fernando Colombo), já era apresentado o quadro de idolatria ou ceita. Crença numa vida “pós-tumulo”, costumes funerários, ritos em “louvor” aos deuses, logo todo este contexto nos remete a crer sim na existência de uma idolatria. Mas a Colombo não era interessante mostrar por cartas esse enredo.

Dentre as civilizações mais coesas como os: Astecas, Maias e os Incas têm abordagens somatórias às demais como: heterogeneidade na origem de religiões, politeísmo ilimitado, negação da individualidade e sacrifícios sangrentos, no caso dos Astecas; apesar de que existem alguns levantamentos que afirmam a existência de um monoteísmo entre esta comunidade; no caso dos Maias sua estrutura político-social estava entrelaçada numa aristocracia teocrática que comandava segundo o preceito de direito divino, e em sua religião apresentavam-se cerimônias religiosas de forte cunho espiritual, sacrifícios humanos e a crença na existência de um mundo infernal; quanto aos incas temos o seguinte relato de Bushnell<sup>8</sup>: “Não se compreenderá toda a natureza do império inca, sem se ter a idéia da religião que se baseava toda sua vida, e da qual o governante era uma parte integrante.”. Desde mumificação a festivais religiosos, tomavam a vida social, política e eclesiástica.

Assim sendo temos todo um “horizonte” do que aguardava a Igreja Católica na América espanhola, e de quão difícil seria a tarefa da evangelização e catequização; ou mesmo do reconhecimento da entidade católica como senhora suprema do universo. Mas com

---

<sup>8</sup> Ver GIORDANI, Mário Curtis. *História da América pré-colombiana*. 1990. Pg. 235.

tamanho desafio não seria hora de uma reformulação, não apenas na ação, como também nos alicerces?

### **A Tradição Flexível, Frente às Novas Abordagens.**

Perante os novos horizontes da descoberta e colonização, assim como dos problemas internos, onde a principal “ferida” seria o cisma luterano, a Igreja deparou-se com um desafio: Reformular, moderadamente, alguns preceitos afim de adaptar-se as novas conjecturas, porém sem perder a essência da tradição.

Desta forma, já em meados do século XVI, a Igreja católica assim como suas “ordens” regulares (franciscanas e dominicanas) implantaram a necessidade de restaurar e revigorar a prática cristã. Era preciso estabelecer a restauração da Igreja primitiva, de modo que esta nova empreitada do Novo Mundo era o cenário ideal a pregação de um “evangelho” ou “cristianismo” puro. A tarefa seria árdua, já que a interferência do Estado nesta instituição, a Igreja Católica, era tamanha e de forma direta. Haja visto até que foi decretado já no patronato real que a comunicação entre Roma e as Índias deveria ser mediada por um conselho nomeado pela Coroa Espanhola, cuja nomenclatura é: *pase régio*, ou *exequatur*.

“Teoricamente, todos sabem que é preciso mudar, mas na prática as pessoas são criaturas de hábitos. Muita inovação é traumático, e conduz a rebeldia. Se você é novo numa posição de poder, ou alguém de fora tentando construir a sua base de poder, mostre explicitamente que respeita a maneira antiga de fazer as coisas. De a mudança é necessária, faça-a parecer uma suave melhoria do passado.” (GREENER, Robert e ELFFERS, Joost. 2000. Pg. ((418-425)).

Galgar novos degraus rumo a esta reformulação era necessário para construir, em torno das novas conjecturas dos séculos XV e XVI, uma base de poder firme e consolidada. Assim como o recorte acima do livro: *As 48 Leis do Poder* explana a mudança, não só necessária como foi tratada de forma a emergir a glória e solidez da Igreja Católica Primitiva.

E assim sucedeu-se a nova moldura da entidade eclesiástica, que nos afirme não apenas as novas escritas e ideologias adotadas por pessoas de renome como: Bartolomé de Las Casas, em seu pleno âmbito humanista e utópico; assim como a implantação do ideal recomendado pelo Concílio de Trento (1545-1563).

Mesmo diante a abordagens de autores que não crêem na influência do Concílio de Trento no que diz respeito à ação católica na América espanhola, concordamos moderadamente com Josep M. Barnadas; quando o mesmo afirma um direcionamento de aspectos da Igreja, na América Hispânica, pautado, seja de forma direta ou indireta, em preceitos do Concílio<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> M. BARNADAS, Josep; 1998. Pg. 525-526; Ver em: **América Latina Colonial**, vol. 1; Org. Leslie Bethell.

As estratégias de reformulação baseadas no concílio, e respaldadas na América espanhola, abordaram características como: a consolidação das estruturas eclesíásticas em relação não apenas ao Estado como as sociedades; a manutenção da ordem eclesíastica na mão do clero, apesar de indicações do Estado; e a reafirmação da autoridade episcopal, onde a figura do bispo tornava-se ativa e forte no quadro eclesíastico assim como político.

Com tais investidas o intuito maior era desarticular paulatinamente a fortificação do Estado quanto à ação da Igreja; ao menos, via-se nessa nova estruturação uma probabilidade maior de articulação junto não somente a esta empreitada de colonização no Novo Mundo, como o combate ao protestantismo e logo ao levante glorioso da Igreja Católica.

### **A Célula Administrativa Eclesíastica, o Reflexo Positivo das Estratégias**

“Não aceite os papéis que a sociedade lhe impinge. Recrie-se forjando uma nova identidade, uma que chame a atenção e não canse a platéia. Seja senhor da sua própria imagem, em vez de deixar que os outros que os outros a definam para você. Incorpore artifícios dramáticos aos gestos e ações públicas – seus poder se fortalecerá e sua personagem parecerá maior do que a realidade.” (GREENER, Robert e Elffers, Joost. 2000. Pg. 220-228).

Toda essa reestruturação da Igreja católica no âmbito da América Hispânica desde a descoberta a colonização, não foram apenas especulações, nem, no entanto, planos sem fundamento. As novas modulações formaram raízes na sociedade, política, economia e cultura. Mas através de que instrumentos e de que formam aturaram estes, na mediação da aplicação das mudanças junto à sociedade? É nessa questão que iremos mergulhar neste tópico.

Retratemos agora o Componente Eclesíastico, ou a estrutura administrativa Eclesíastica, que obteve seu momento de apogeu e declínio dentre o contexto sócio-político e intelectual da América espanhola.

A Igreja agia como parte partícula congruente do plano social, mantendo uma corrente de relações interdependentes entre a sociedade o Governo. Onde a Coroa comportava-se como árbitro da entidade eclesíastica, apesar de ter sobre a mesma uma espécie de “Tutela”. Difícil até mesmo especular qual o elo ou a pedra primordial dessa triangulação (Igreja, Estado e Sociedade), contudo é relevante relatar mais uma vez a cumplicidade em prol de interesses particulares de cada entidade acima relatada, sejam elas leigas ou não.

O Componente Eclesíastico, também intitulado de Clero, era dividido em Clero Regular e Secular, onde cada um em sua particularidade apesar de responderem por uma mesma entidade, seguia seus passos conforme os interesses vigentes.

O clero Regular era bem mais articulado que o Secular, seus integrantes tinham uma formação bem mais direcionada e requintada, e onde boa parte dos mesmos, procedia de famílias ricas e nobres. Logo possuíam mais recursos para suas incursões e grau maior de

organização, focalizavam na Zona Rural. Atuavam através das *doctrinas*, que viriam a ser unidades evangélicas, e em um primeiro momento viriam a ser entidades conjuntas e dependentes da encomienda. Logo voltados em sua essência para os índios ligados a encomienda. Tinham uma estratégia persuasiva de por o Cacique das tribos a seu favor, fazendo deste o “elo” da ligação entre a entidade e a comunidade. Os *doctrineros*, indivíduos que ministravam a instrução cristã, davam mais ênfase a instrução que a conversão, ou seja, mais focava uma organização da vida social dos “*conversos*”, que sua inserção direta no contexto cristão. Todavia com relação aos povos sedentários era mais prático e usual a conversão.

Dentre o Clero Regular, temos as ordens dos *mendicantes* ou dos missionários. Deixo aqui ambas as nomenclaturas mesmo diante alguns levantamentos como o dos escritores: Stuart B. Schwartz e James Lockhart onde expõe o seguinte comentário:

“A palavra “Missão” era desconhecida na América espanhola do século XVI, e assim deveria ser; havia Igrejas de paróquias e Igrejas de Mosteiros, algumas em Vilas espanholas e outras em Vilas indígenas. E não havia ninguém que fosse chamado de “*missionário*”. Não seria incorreto aplicar este nome aos padres e frades que trabalhavam em meio aos índios, mas o termo que foi realmente usado na época é mais sugestivo: *doctrinero*.”<sup>10</sup>.

Sendo assim temos: os franciscanos e os dominicanos. Estes eram formavam uma ordem voltada para a manutenção de sua fundação, adotavam um contexto mais polemico e crítico quanto a doutrinas. Aqueles buscavam uma ação popular de cunho pragmático. Estas ordens, juntamente com as outras que neste contexto colonial estiverem inseridas, em um “mutirão” em prol de construir uma orientação e instrução dos povos indígenas quanto aos hábitos e caracteres culturais como: idioma, elementos culturais e estéticos.

Quanto ao Clero Secular, centralizado nos grandes núcleos urbanos buscava sua manutenção por meios próprios, através de atividades econômicas autônomas. Eram tão ativos na economia quanto qualquer outro indivíduo. Eram em sua maioria mais maleáveis aos interesses particulares, pois sua supervisão era mais mortífera; Vinha além de abordagens religiosas, estruturando escolas em todos os níveis e tendo uma influência eminente na intelectualidade e formação dos indivíduos, dentro do foco religioso. Este clero fundou paróquias, como instituição disseminadora de seus ideais. “As paróquias assumiram a tarefa pastoral de transplantar e proteger a Verdadeira Fé na comunidade espanhola.”<sup>11</sup>.

Para que toda esta estrutura de Gerenciamento não sucumbisse, e ainda, progredisse era necessário um alicerce financeiro bastante forte e duradouro. Que cada vez mais projetassem a influência da Igreja Católica e suas ordens, no âmbito da economia e da política.

<sup>10</sup> SCHWARTZ, Stuart B. e LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. 2002; Pg. 139.

<sup>11</sup> Ver Pedro Borges, **Métodos Misionales em la Crstianización de América**, Madrid, 1960.

No que se refere ao sustentáculo financeiro do Clero Regular e as ordens mendicantes, temos as doações como instrumento de inserção e fonte, deste grupo, quanto a economia e a política. Quanto mais respaldo financeiro por parte dos “crentes”, aumentava o número de indivíduos eclesiásticos na instituição, e assim maior era o poder de “compra” ou arrendamento de posses. Logo uma participação atuante e comunal dentro da economia e local.

Quanto ao Clero Secular, como havia de manter-se necessariamente por meio autônomos, dentre outras estratégias, adotou sistema de “*Capelania*” cuja a doação tornava-se diretamente uma troca sistemática de interesses. Este sistema consistia na seguinte relação: O doador fornecia a verba, em troca receberia influência e renome na sociedade e na entidade. De forma mais clara, o esquema tinha o seguinte esboço: Quanto mais finanças direcionassem a Igreja, mais missas eram rezadas em nome da família doadora; esta mesma família mantinha a propriedade na qual eram rezadas as missas, possuíam o patrono da capela, ou seja, a administração da renda, assim como o sacerdote era membro da família. Os benefícios do financiador são bem claros, mas os da Igreja também são proveitosos, fortalecimento econômico; ainda que o dinheiro fica-se sob a tutela da família a igreja possuía o crédito; e redução de despesas com relação à manutenção das estruturas.

Dentre os preceitos aqui apresentados no que se refere à importância da estrutura eclesiástica e quais as ferramentas utilizadas para sua manutenção, em meados do século XVI e primeira metade do XVII, é de relevante importância analisarmos também a estratégia de aproximação da sociedade de uma maneira geral, seja ela nativa ou não.

Com este entrelaçamento da Igreja e sociedade através da participação de organismos leigos, por meio de apoio financeiro ou participativo quanto à disseminação direta ou indireta da fé católica, temos que neste cenário a Igreja e suas ordens conseguem através deste aspecto, uma válvula de escape ao menos temporária, do Patronato Real.

Neste caso, seus esforços quanto a nova moldura estavam ali, naquele momento, trazendo um respaldo positivo, quanto a sua posição no âmbito social e político. O Estado Ficou um pouco de fora dessa relação, apesar de possuir ainda voz na nomeação. Todavia, o Concílio de Trento já havia posto o comando da entidade eclesiástica regional, sob o comando do Bispo, assim visando uma maior centralização política, interna, da Igreja. Apesar das divergências entre Clero Regular e as ordens e o Clero Secular, faz-se necessário que enxerguemos sob a óptica de que, estes organismos agiam como braços tentaculares da Igreja em diferentes pontos da América, ou seja, uma divisão sistemática na atuação em diferentes espaços e sujeitos; assim nada mais que uma ação de forte cunho político e social para a entidade da Igreja Católica.

E isso refletiu no apogeu da entidade na América Espanhola, conseguiu galgar novos degraus rumo à diminuição da dependência do Estado, assim como angariar novos adeptos

e financiadores de suas estruturas; indo além tem a diminuição da Idolatria perante as comunidades da América Hispânica. A ascensão de poder da Igreja agora era notável, cabe agora saber se o Governo dentro dos planos de um Estado Moderno iria permitir tal ascendência.

### **O reflexo da ascensão é uma nova batalha com o Poder Temporal**

A importância das ordens mendicantes para a consolidação da igreja no século XVI e início do XVII, é clara. Os dominicanos e os franciscanos tiveram papel fundamental para tal empreitada. Contudo os jesuítas também fortaleceram o caminho do mérito, se não igual, mais ainda que os demais.

“(...) Enquanto no século XVII a administração central da Igreja parecia cochilar nas ensolaradas montanhas do conservadorismo pastoral, tinha lugar a mais importante expansão da vanguarda missionária, graças aos regulares, principalmente os jesuítas e os franciscanos, as ordens as ordens que haviam permanecido for do círculo vicioso da inércia e da estagnação (...)”.M. BARNADAS, Josep; 1998. Pg. 543-544.

No século XVIII o cenário deu lugar a vários conflitos ideológicos de repercussões, principalmente, políticas e eclesiásticas, em decorrência da emergência do poder da Igreja Católica; em mérito não somente, mas essencialmente nos ultimo plano do Séc. XVII, aos franciscanos e jesuítas, assim como do Clero Secular e as demais ordens; o Estado almejava retomar o poder articulado com a criação do Patronato Real, perdido paulatinamente com a independência da instituição eclesiástica.

Logo, alguns sujeitos atuantes desta nova empreitada do Estado, visualizaram nos jesuítas o maior articulador da força da Igreja sobre o Estado. DE todas as ordens estes eram os mais desarticulados na relação com a Coroa. Assim formou-se uma campanha anti-jesuítica a fim de quebrar com a estrutura sócio-econômica e intelectual da Igreja. Carlos III expulsou de seus domínios todos os membros da ordem tanto na Europa quanto na América.

De tal maneira a Igreja Católica, defrontou-se com a perda de seu bloco estrutural de maior poder, no momento, assim ficando vulnerável ao Estado e ao período pré-independência. Assim ficou claro que a Igreja foi direcionada, pelo Governo, a América Hispânica com o intuito maior de servir aos interesses do mesmo.

Mas mesmo tendo sido mantida na América espanhola no século XIX, já na fase das repúblicas, teve que mais uma vez submeter-se ao poder do Patronato Real. Pois os novos Governantes ainda tinham a anciã de manter sob sua tutela a entidade eclesiástica da Igreja Católica, visto seu tamanho poder estrategista e de manipulação perante a sociedade e seus indivíduos.

## Um novo cenário de Atuação: O Brasil no foco da Igreja Católica

Abordando agora um novo contexto, que podemos aqui dizer ser, se não uma ramificação ou prolongamento, mais uma das novas formulações da Igreja Católica; agora, quanto à instância de colonização do Brasil; em busca de novos fiéis, sim, expansão da Igreja, claro, mas acima de tudo uma ânsia de galgar novos degraus rumo à independência da partícula do sujeito “Estado”, assim como uma estruturação cada vez mais forte de sua atuação na economia.

Dentro do contexto da atuação da Igreja Católica no Brasil colonial, temos duas correntes de interpretações a serem investigadas. Uma que afirma na colonização o intuito maior da pregação da palavra divina, assim como a expansão da entidade eclesiástica na terra colonizada em volta daqueles indivíduos “presos à escuridão”. Como afirma Tomé de Sousa(1549), primeiro governador geral do Brasil: “O principal motivo que me levou a colonizar o Brasil é converter os povos que lá vivem à nossa fé católica.”<sup>12</sup>. O outro ponto interpretativo é fincado na seguinte orientação, que põe em uma mesma linha de raciocínio a questão da evangelização junto a exploração e a escravidão. Como encontramos aqui neste relatado de um velho índio chamado Momboré-Uaçu aos colonizadores franceses:

“Os portugueses mandaram buscar seus padres, que chegaram e ergueram as cruzes e começaram a ensinar o nosso povo e a batizá-lo. Mais tarde, os portugueses disseram que nem eles nem seus padres podiam viver sem escravos para servi-los e trabalhar para eles”. (Claude d’Ábbviller, *Historie de la mission des Peres de l’Ile de Maragnon et teres circonvoisines.*)

Em ambos os pontos interpretativos, descritos acima, é de suma importância explanar que, se em outras experiências, como no Caso da América Espanhola, a Igreja Católica esteve entrelaçada; seja de forma direta ou indireta; ao contexto econômico, neste recorte da colonização da América Portuguesa isso vai estar bem mais explícito com a abordagem da economia colonial voltada a Cana-de-Açúcar e que utilizava de mão-de-obra indígena em um primeiro momento, já que posteriormente passou a utilizar a força escrava africana. Já que era neste sistema que estavam investidos boa parte da base financeira e de especulação de mercado da Coroa Portuguesa, e durante muito tempo foi o alicerce da economia da América Portuguesa.

Faz-se necessário também, uma abordagem quanto caráter externo da política de atuação da Coroa Portuguesa e a entidade eclesiástica. O estado português vinha sofrendo concorrência, no que diz respeito a dominação do território brasileiro, dos: Franceses, holandeses e Ingleses, todos protestantes. Isso fez com que o Governo lusitano junto a

<sup>12</sup> Citado em E. Hoornaert, “A evangelização e a Crisandade durante o Primeiro Período Colonial”, em *História da Igreja no Brasil, Petrópolis, 1977, p.24.*

Santa Igreja Católica, em posse de uma política portuguesa quanto a recriminação e condenação dos “hereges” ou aqueles contrários ao cunho religioso adotado pela entidade eclesiástica lusitana., no caso os concorrentes quanto a disputa. É relevante também por em relevo a questão do *Padroado Real*, uma espécie de *Patronato Real*, adotado pelo Estado espanhol na relação política com a Igreja Católica. Na América Portuguesa este processo político, tinha o mesmo fundo prático do da Espanha, ou seja, que os reis estimulassem e protegessem os direitos e a estrutura da Igreja, em prol de trocas sistemáticas de favores, ou deveres, como a poder de nomeação e a filtragem de informações vindas de Roma.

Diante tais abordagens, cremos ser mais coeso não impor uma forma de interpretação; seja ela de caráter essencialmente evangélico ou de interesses voltados a máquina política e econômica; como certa e única, mas sim, pondera-las e fazer com que seus contextos, some-se, em prol de uma explanação de cunho geral, quanto aos aspectos políticos, econômicos e eclesiásticos. Logo nos fornecendo um horizonte mais amplo a novas leituras e conclusões quanto a Atuação da Igreja Católica no recorte colonial da América Portuguesa (Brasil) de 1500 a 1808.

### **Organização Eclesiástica Brasil Colônia**

O catolicismo era a única religião oficial do Brasil, era de caráter obrigatório a aceitação da mesma como Verdade Suprema. A Entidade da Igreja Católica teve um papel fundamental sob o gerenciamento sócio-político nesta colônia portuguesa, de diferentes formas atuou como partícula ativa neste contexto de organização. Dentre as diversas abordagens, temos: o controle do acúmulo de capital pela burguesia local, a questão intelectual da sociedade e os meios educativos, ai estando em palta à ordem dos jesuítas, o gerenciamento da própria Zona Eclesiástica como Hospital, entidade educacional e até mesmo, dentro deste complexo um molde primitivo de banco. Logo se vê a estruturação deste Complexo Santo, quanto a escala Social e Política.

O aspecto cristão estava relacionado, diretamente não apenas ao contexto econômico como vimos, mas se está interligado ao mesmo, é claro a sua participação indireta, mas ativa, quanto à estrutura patriarcal a qual eram voltadas as Regiões de plantações da cana-de-açúcar. E ali nesta região das plantações também se inseria a implantação das capelas e oratórios privados.

Quanto à manutenção de cunho econômico das entidades e ordens religiosas, ou seja, as verbas necessárias provinham além do Padroado Real, de ferramentas autônomas de “garimpo” de “Capital”, sendo assim, criavam suas próprias fontes de renda, assim como na América Hispânica, através de fazendas, criação de gado, plantações engenhos de açúcar e



escravos (assunto que iremos nos retratar mais adiante) e de heranças deixadas em prol da Fé Católica.

Estando mais uma vês implícito, assim como na Colônia espanhola o caráter leigo ligado ao Eclesiástico. Tal fortificação financeira esta bastante clara no recorte que segue: “(...) O clero devotava-se em grande extensão a questão de dinheiro, comprando e vendendo, e usando os juros de empréstimos para as boas obras. Os espaçosos corredores de alguns conventos pareciam saguões de banco (...).” (EDUARDO Hoornaert, 1998, Pg. 562.).

## **As Ordens e sua Atuação Setorial**

Dentre a forma de atuação da Igreja Católica no Brasil Colônia, ela era majoritariamente Setorial, ou seja, sua implantação foi gerenciada de acordo com as áreas territoriais que depunha o território Brasileiro, assim as ordens ficando bastante direcionadas tanto no seu intuito de missionário quanto sua relação com as especificidades das comunidades espalhadas ao longo do território da Colônia Portuguesa.

Assim temos a seguinte faixa setorial de atuação: A região do Maranhão e o Pará (o Amazonas); São Paulo e o Sul; Faixa litorânea (especialmente o Nordeste) e seu interior; Minas Gerais e o Oeste<sup>13</sup>. Dentre as ordens a serem direcionadas neste contexto geográficos temos as principais: Jesuítas, Carmelitas, Franciscanos e Beneditinos. Onde cada ordem iria atuar de acordo com seus ideais eclesiais e de evangelização, sempre sob o olhar fixo do Patronato Real.

Os jesuítas sempre foram os mais ativos nas regiões costeiras, vindos desde a chegada do Governador Tomé de Sousa em Salvador, fincados no ideal de que era necessário “domar” os índios para que assim fosse imposta ou gerenciada uma evangelização, ou seja, a essência era de que não seria possível catequizar ou formar uma evangelização concreta sem uma colonização coesa. Teve um rápido crescimento no território, com o uso direto da ferramenta de aplicação intelectual, ou seja, a associação de colégios, que disseminavam o ideal jesuítico. Mas acima de tudo, apesar de contradições quanto ao verdadeiro cunho desta ordem, era objetivado a proteção indígena. Contudo, a proteção desta ordem não se expandia aos negros, já que os viam como um direito de posse, e eles mesmos possuíam escravos negros em suas instalações.

Dentro do contexto de deter uma ferramenta que transmitisse certa independência do Padroado Real, os Franciscanos também possuíam suas propriedades a fim de ter político, econômico e de barganha. Eram menos radicais que os jesuítas, contudo mais maleáveis a novas conjecturas, como é claro quando defendem a “guerra justa” contra os índios.

---

<sup>13</sup> Ver em EDUARDO Hoornaert, **A Igreja na América**. In. A Igreja Católica no Brasil Colonial. (1998, Pg. 554.).

Expandiram-se desde Olinda ao Rio de Janeiro, tendo grandes estruturas nos trechos entre Paraíba e Alagoas. Aplicavam uma orientação espiritual, aos habitantes. Sem esquecer que também administravam, muitas vezes, colônias que haviam sido dos jesuítas, logicamente após a expulsão do mesmo deste território português em 1759.

Já os carmelitas tinham um papel administrativo muito forte e amplo quando a estrutura de diversas aldeias. Estabeleceram também fazendas e outros tipos de locações para sua manutenção e propagação da ordem. Desde Pernambuco a São Paulo e Minas Gerais foram muita influentes na questão eclesiástica e social.

Já os beneditinos, cuja ordem sofreu um forte “baque” com a dominação temporária dos holandeses no Nordeste, não tiveram em si um papel tão amplo quanto às questões Políticas, apesar de possuir muitos escravos negros, pregava suas ideologias sociais e religiosas por meio dos mosteiros e fazendas.

## Conclusão

Traçando convergências e divergências, ao decorrer deste trabalho, quanto a atuação eclesiástica nas Américas, buscamos mostrar quão forte é o poder de “manipulação” e quais suas conseqüências dentro do quadro social, político e econômico; Além de por em relevo as estratégias e panoramas diversos aos quais se deparou a Igreja Católica, e que podem variar e reformula-se diante novos espaços e contextos inseridos, assim como os sujeitos a quem se direciona a ação.

Sobre a linha da História cultural, somando a multidisciplinaridade aos conhecimentos obtidos, para a formação de um discurso maleável, assim sendo; aberto a novas conjecturas, para então, formar um alicerce mais bem estruturado do que aquele que vem sendo trabalhado; é que expomos aqui uma abordagem sob o cunho estrategista da ação eclesiástica nas Américas Hispânica e Portuguesa. Buscando gerar novos discursos, é que propomos fazer deste estudo acadêmico uma ferramenta para tal empreitada.

## Referências Bibliográficas

- BERNARD, Carmem & GRUZINSKI, Serge. **Histórias do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, Uma experiência Européia., 1492-1550**. São Paulo: Edusp, 1997.
- BUKER, Peter (org.). **A escrita da Nova História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da América pré-colombiana**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 1989.
- GREENER, Robert & Elffers, Joost. **As 48 Leis do Poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- MAHN-LOT, Marianne. **Retrato Histórico de Cristóvão Colombo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa Ed., 1995.
- SCHWARTZ, Stuart B. & LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SEED, Patrícia. **Cerimônias de posse na Conquista Européia do Novo Mundo** (1492-1640). São Paulo Ed. Unesp, 1999. Pg. 101-141.

TODOROV, Tzvetan. A descoberta da América. In\_ A conquista da América: **A questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. Pp. 3-48.

VERNE, Julio. **Cristóvão Colombo**. São Paulo: Landy Editora, 2005.

**Resumo:** Tendo em vista uma abordagem, um tanto não convencional, da história além-mar e suas estruturas de Gerenciamento, temos como objetivo deste projeto, apresentar sob um foco administrativo, em sua gama de estratégias, parâmetros entre a Igreja católica na América espanhola e portuguesa, ambas no recorte colonial. Traçando um paralelo sobre o cunho estrategista da igreja católica nas Américas, propomos explicar não só a compreensão da instalação e organização da entidade, assim como os métodos de “manipulação das mentes” e a receptividade da sociedade a essas ações, meio aos fatos ocorrentes na época. Indo além, trazemos também, uma reflexão a respeito da propagação da fé católica por meios militares, e ainda a evangelização entrelaçada com a exploração e a escravidão. Assim, de maneira objetiva e crítica, faremos uma abordagem, a qual tem como intuito maior, somar conhecimentos através da multidisciplinaridade e dos discursos que a “História cultural” possa nos remeter. Esta vem nos trazendo resultado satisfatório, por meio de “jogos” de imagens, ideais e contextos; que vistos aleatoriamente, são inverossímeis, mas postos sob uma mesma linha de pensamento e foco, podemos extrair novas idéias e ampliar nossos debates sob a Igreja católica e sua ação estrategista nas Américas espanhola e portuguesa.